



De Homem para Homem: Questões de Gênero no Nascimento do Diário Esportivo *Lance!*¹

Mauricio José Stycer

(Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo)²

Resumo

Uma análise das questões de gênero suscitadas pela criação do *Lance!*, em 1997. No mundo eminentemente masculino do jornalismo esportivo, coube ao líder da equipe exibir, desde o processo de implantação do jornal, os atributos esperados de um homem à frente de um empreendimento deste porte. Da mesma forma, foi possível ver como a seleção da equipe de jornalistas deu-se de forma enviesada, ignorando claramente normas universais e, em consequência, privilegiando homens em detrimento de mulheres. E, por fim, ao relatar a experiência da única mulher repórter do *Lance!* em São Paulo entre 30 jornalistas, observamos as pressões que ela sofreu e como as internalizou, aceitando-as como normais.

Palavras-chave

Jornalismo esportivo; sociologia do jornalismo; jornalismo e gênero.

Corpo do trabalho

O mundo do futebol, como se sabe, é um terreno ocupado e dominado por homens. Não espanta que o jornalismo esportivo reflita explicitamente essa dominação, constituindo também, para usar as palavras que o sociólogo Eric Dunning dedica ao universo esportivo como um todo, uma “área reservada masculina”³. Em termos numéricos, essa é uma constatação cristalina. Hoje, estima-se, as mulheres ocupam entre 30% e 40% dos empregos nas redações das principais publicações do país⁴, enquanto nas áreas dedicadas ao jornalismo esportivo essa proporção jamais ultrapassa os 10%⁵. Dados coletados no exterior apontam proporções semelhantes, de nove homens para cada mulher na seção de esportes, enquanto no resto da redação a relação é

¹ Trabalho apresentado ao NP Comunicação Científica, no VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento integrante do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista profissional desde 1986. Trabalhei no *Lance!* desde o início do projeto, em agosto de 1997, até abril de 1998. Esta experiência ajudou a embasar a minha dissertação de mestrado, inédita, *História do Lance! – Projeto e prática de jornalismo esportivo*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH - USP, em 2007.

³ Ver E.Dunning. “O desporto como uma área masculina reservada”. In N.Elias. *A busca da excitação*.

⁴ Ver, por exemplo, A.A. Abreu & D.Rocha. *Elas ocuparam as redações*.

⁵ P.V. Coelho, *Jornalismo esportivo*, pág. 35.



de dois para um⁶. Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos entre 10 mil jornalistas esportivos de imprensa e televisão identificou apenas 3% de mulheres entre eles⁷.

Abreu e Rocha observam que, da mesma forma que ocorreu com outras profissões, as mulheres começaram a entrar no jornalismo somente na década de 70, ainda assim em funções que confirmavam o estereótipo feminino, atuando em cadernos ou revistas femininas. Com o tempo, muitas conseguiram encontrar espaço em áreas ditas nobres, dominadas pelos homens, como política e economia, mas permanecem, com raras exceções, longe das posições de comando das publicações⁸. No jornalismo esportivo, uma especialidade de menor prestígio⁹, o acesso das mulheres não apenas é limitado, como explicitamente discriminado. No livro que escreveu para estudantes de jornalismo, Paulo Vinicius Coelho, reconhecido como um especialista no assunto, observou que as mulheres interessadas em escrever sobre esportes

na maior parte são encaminhadas para as editorias de esportes amadores. É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo¹⁰.

Confrontado, posteriormente, com o duplo preconceito embutido na frase, Coelho tentou reelaborar o ponto:

Eu me expressei mal. Não há mais tanto preconceito com mulheres que querem ser repórteres de futebol. Eu quis dizer que há preconceito em relação a mulheres que opinam sobre futebol. É mais difícil a opinião delas ser respeitada. A tendência é não levar a sério, porque você não está acostumado a ouvir opiniões de mulheres sobre esse assunto¹¹.

Na televisão, o papel secundário das mulheres é evidente. Quando alcançam alguma proeminência, quase sempre isso se dá, como nota Richard Giulianotti, mais por “sua atração visual” do que por “sua habilidade analítica”¹², o que é facilmente verificável nos programas que exibem “mesas-redondas” na tevê brasileira.

Por ser uma dessas áreas reservadas masculinas, o jornalismo esportivo acaba sendo um espaço em que a lógica da dominação masculina é encenada de forma explícita, sem a sutileza que a caracteriza em muitas outras situações. O *Lance!* é um terreno fértil para examinar como se dá a reprodução dessa lógica. Basta lembrar que, à época do lançamento do jornal, havia apenas uma mulher entre os 30 jornalistas da redação de São Paulo e que mais de 90% dos leitores eram do sexo masculino.

⁶ D.Rowe. *Sport, culture and the media*, págs. 44-45.

⁷ Idem, pág. 57.

⁸ Abreu & Rocha, op. cit. págs. 9-11.

⁹ M. Stycer, *Jornalismo esportivo: 110 Anos Sob Pressão*.

¹⁰ Coelho, op. cit. pág. 35.

¹¹ Entrevista ao autor, 7 de fevereiro de 2007.

¹² R.Giulianotti. *Sociologia do futebol*, pág. 201.



Antes de prosseguir, porém, pretendo apresentar brevemente algumas idéias que ajudam a compreender essa questão de um ponto de vista crítico e oferecem uma boa ferramenta para a análise do caso que estou pesquisando.

Em um dos estudos que dedicou às questões de gênero, ainda na década de 70, o sociólogo Erving Goffman mostrou como uma série de características da organização social – em torno das relações entre homens e mulheres nos espaços públicos – tem o efeito de confirmar os estereótipos que alimentamos sobre, na suas palavras, “as formas dominantes de arranjos entre os sexos”¹³. É o caso da existência de banheiros diferentes para homens e mulheres no ambiente de trabalho. Nessa e em outras situações, as diferenças biológicas entre os sexos servem como justificativa para os diferentes tratamentos vividos por homens e mulheres. Mas, lembra ele, as diferenças físicas entre os sexos são hoje pouco pertinentes na definição das capacidades requeridas pela maior parte dos empreendimentos. “Como, em uma sociedade moderna, essas diferenças biológicas não pertinentes parecem adquirir uma tal importância social? Como, sem justificção biológica, essas diferenças biológicas são elaboradas socialmente?”¹⁴

Para responder a essas questões, Goffman evoca exemplos de reflexividade institucional. “Um campo de interação oferece recursos expressivos consideráveis, e é no campo que vão se projetar a formação e a crença dos participantes”, defende¹⁵. O sociólogo dedica-se, então, a descrever uma série de situações em que homens e mulheres interagem – no trabalho, em festas, em jogos, em rodas de conversas, nos esportes etc –, situações sociais, em suma, em que ambos os sexos representam essas diferenças da natureza que a sociedade afirma existir. Goffman mostra, por exemplo, como o dimorfismo sexual se torna uma vantagem masculina em diferentes situações, uma espécie de competência específica para resolver problemas e ajudar as mulheres. Não à toa, lembra, há uma espécie de norma social velada que estabelece a formação de casais segundo o critério de que os homens sejam mais altos e mais fortes que as mulheres¹⁶. O sociólogo observa, também, como a ligação “natural” dos homens com os jogos e esportes competitivos desde a infância permite a eles manifestar qualidades consideradas – por eles – fundamentais, como força, resistência e persistência. Essa vivência dá aos homens, ao longo da vida, “um repertório de arranjos e reações, um

¹³ E. Goffman. *L'arrangement des sexes*.

¹⁴ Idem, págs. 88-89. Vale lembrar que, nos Estados Unidos, o futebol é praticado majoritariamente por mulheres, a sublinhar como esta “reserva masculina” é uma construção social, sem relação alguma com limitações de ordem biológica ou física.

¹⁵ Idem, pág. 102.

¹⁶ Idem, pág. 93.

sistema de referências” específico, que fornece a prova de que eles são donos de uma certa natureza diferente das mulheres¹⁷. Goffman nota, ainda, como o próprio ambiente ajuda na ritualização das diferenças entre os sexos. “Em toda situação social que envolva uma mulher, sempre alguém achará uma coisa muito pesada, suja ou instável, que permitirá ao homem intervir”¹⁸. Em resumo, por meio da reflexividade institucional, o sociólogo mostra como

as práticas institucionais profundamente enraizadas têm o efeito de transformar as situações sociais em cenas onde os dois sexos representam comportamentos de gênero, de forma que inúmeras destas representações assumem uma forma ritual que exprime crenças sobre a natureza humana diferenciada dos dois sexos, oferecendo indicações sobre a maneira pela qual podemos esperar que os comportamentos entre os dois sexos sejam coordenados¹⁹.

Duas décadas depois de Goffman, o sociólogo Pierre Bourdieu reelaborou algumas dessas questões sob o prisma, nas suas palavras, da “violência simbólica”, invisível a suas próprias vítimas, “que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”²⁰. Na visão de Bourdieu, a ordem social funciona como “uma imensa máquina simbólica” que tende a confirmar a dominação masculina em todas as estruturas²¹.

A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: *ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada*²².

De forma semelhante a Goffman, Bourdieu também observa que as próprias mulheres se submetem no seu dia-a-dia, nas relações de poder em que estão envolvidas, a esses esquemas de pensamento, aceitando tacitamente a dominação masculina como algo natural²³. O princípio da visão dominante, escreve, é “um sistema de estruturas duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos”²⁴. Num ponto que nos interessa de perto, Bourdieu analisa as dificuldades das mulheres no mercado de trabalho, mostrando como elas próprias, muitas vezes, também contribuem para reforçar a dicotomia sexual, tanto na escolha das suas profissões quanto dos cargos e funções que acabam exercendo.

¹⁷ Idem, pág. 96

¹⁸ Idem, pág. 100.

¹⁹ Idem, pág. 104.

²⁰ P. Bourdieu. *A dominação masculina*, págs. 7-8.

²¹ Idem, pág. 18.

²² Idem, pág. 33 (grifo no original).

²³ Idem, págs. 45-51.

²⁴ Idem, pág. 54.



O frenético processo de implantação do *Lance!* acabou servindo para que Walter de Mattos pudesse exibir todo um repertório de atributos naturalmente esperados dos homens, deixando claro que tinha a competência masculina necessária para desempenhar a sua tarefa de líder. Ao longo de uma série de episódios, o empresário teve a oportunidade de demonstrar arrojo, coragem, fibra e força. Por alguns meses, foi uma espécie de comandante militar, à frente de um exército que misturava jornalistas e pedreiros, pessoal administrativo e técnicos gráficos, todos trabalhando juntos, sob suas ordens, num canteiro de obras, depois transformado numa redação de jornal.

Segundo o cronograma acertado, as rotativas chegariam em junho de 1997 e o jornal seria lançado em setembro. Só em maio, e ainda sem nome, o jornal ganhou uma sede no Rio – um antigo depósito e garagem da Brahma, na Cidade Nova, no centro, perto do Estácio. Como relata Mattos, apenas meia dúzia de funcionários o ajudava:

Em maio não tinha terreno, não tinha nada. Tinha umas putas máquinas sendo fabricadas nos Estados Unidos, tinha um *deadline*, tinha uma data para entrar em operação, e a empresa tinha cinco ou seis funcionários. Em maio, junho, a gente começa a contratar gente, a fazer obras, projeto arquitetônico, tudo isso se dá num prazo absolutamente frenético. A gente montou uma estruturazinha naquele terreno, um espaço de uns 200 metros, que chegou um momento que tinha umas 80 pessoas trabalhando. Tinha poeira, caminhão, trator, ao mesmo tempo...²⁵

Em 8 de julho de 1997, Mattos já não falava mais em lançar o jornal em setembro. O vaticínio que faz é o de um homem decidido, mas preocupado: “Com muito trabalho e com a ajuda de Deus, no máximo em outubro a gente está nas bancas”²⁶.

Mattos gosta de contar uma história desse período que valoriza o seu arrojo. João Roberto Marinho, sócio do jornal, fez uma visita às obras. Da sala improvisada do empresário, ele avistou o galpão onde estava sendo montada a rotativa do jornal. O herdeiro das Organizações Globo olha, hesita e exclama: “Mas está sem telhado!” E Mattos: “Mas nessa época do ano, não chove. À noite, a gente põe uns plásticos”. Ao que Marinho, segundo a narrativa de Mattos, teria dito: “Você é abusado pra chuchu”. E não choveu, garante. “Choveu no dia seguinte ao que a gente colocou o telhado”²⁷.

Um vídeo registra o momento, em 19 de setembro de 1997, em que ocorre a mudança dos equipamentos dos jornalistas para dentro do espaço – ainda em obras – onde iria ser a redação. A cena mostra funcionários instalando móveis e computadores

²⁵ Entrevista ao autor, 11 de novembro de 2002.

²⁶ O depoimento citado se encontra na fita intitulada “O Walter e o Lance!”, fita número 1, com data de 8 de julho de 1997. São oito fitas de vídeo, todas realizadas pela produtora Made for TV, do Rio de Janeiro, e dirigidas por Dora Lima. As fitas a que tive acesso estão numeradas de 1 a 8, faltando a fita número 2.

²⁷ Entrevista ao autor, op. cit.

no meio de uma obra, cercados por barulho, poeira e sacos plásticos pretos cobrindo o chão²⁸. Por algumas semanas, os jornalistas iriam trabalhar no meio de um canteiro de obras, uma situação que causou desconforto aos que a viveram, mas que não parece estranha no contexto de masculinidade vigente naquele território. Ao lembrar daquele instante, Mattos explica as razões da pressão que exerceu:

O dia em que a redação estava lá, piso elevado, uma poeirada danada, e eu resolvi mudar os computadores pra ali... E as pessoas perguntavam: “Mas por quê? Vai estragar...” E eu dizia: “Não. Tem que ir. Isso é o sinal de que a coisa vai, que nós vamos fazer as coisas meio loucas, mesmo, mas vamos. Porque se for fazer tudo *by the book* vai levar mais três meses”. Então, você corre riscos²⁹.

Riscos reais, na visão do jornalista Sérgio Rodrigues, aceitos por um grupo de homens abnegados, corajosos, engajados no projeto de fundar um novo jornal:

A gente trabalhou um bom tempo no meio de uma obra. A rigor, a gente precisava de capacete, porque podiam cair pedras na cabeça. Por muita sorte ninguém se machucou seriamente. Pra chegar ao computador você passava por um andaime. Isso é uma condição inimaginável, inaceitável de trabalho. Acho que se aceitou porque a gente estava apaixonado pelo projeto³⁰.

Em setembro, já com atraso em relação ao cronograma inicial, Mattos estabeleceu a data de 19 de outubro para o lançamento. Mas havia problemas técnicos insolúveis, mesmo para um empresário arrojado, como, por exemplo, a incapacidade de encontrar o ponto certo de impressão do jornal. O *Lance!* era inteiramente a cores, o primeiro no Brasil nesse formato, o que acarretava dificuldades novas e imensas para os técnicos brasileiros que estavam sendo treinados a operar a rotativa. O jornalista Leão Serva tem uma recordação engraçada dos testes com a rotativa, em São Paulo, do dia em que o comandante arregaçou as mangas e assumiu o papel, também, de operador de rotativas.

Lembro de nós, (*Antoni*) Cases e eu, sentados em cima de bobinas de papel, olhando a rotativa, e o Walter de pé, em cima da rotativa, manga arregaçada, pegando a chapa com o operário, e colocando a chapa. Cases falou: “Agora não falta mais nada” (risos). O Walter tá pondo chapa na rotativa. Às 3 da manhã³¹.

Sexta-feira, 17 de outubro, sede do jornal, na Cidade Nova, centro do Rio. Último dia de testes. No sábado, 18, seria para valer. Enquanto os jornalistas se desdobram, simulando como seria a edição do dia seguinte, o jornal que sai da rotativa está longe de ter a qualidade que Mattos sonhou e anunciou que teria. Os testes entram na madrugada, sem sucesso. Mattos toma a decisão mais difícil: adia o lançamento do jornal por uma semana.

²⁸ Cf. “Na Obra”, op. cit

²⁹ Entrevista ao autor, op. cit.

³⁰ Entrevista ao autor, 20 de junho de 2003.

³¹ Entrevista ao autor, 2 de maio de 2003.



Por causa do adiamento, o jornal perdeu o espaço publicitário encomendado junto à Rede Globo e chegou às bancas sem a visibilidade sonhada, o que atrapalhou muito as vendas iniciais. Mesmo assim, ou também por causa desse dissabor, a imagem de Mattos como um empreendedor corajoso, de fibra, destemido, capaz de arregaçar as próprias mangas para colocar o novo jornal nas bancas, estava construída.

A forma como os candidatos a trabalhar no *Lance!* foram escolhidos também diz muito sobre como o jornalismo esportivo é visto como uma tarefa masculina, com códigos e procedimentos próprios, que repelem, literalmente, as mulheres. Convidados para participar de uma “seleção brasileira de jornalismo”, 1.035 estudantes se inscreveram em julho de 1997 para o processo que iria, ao final, aprovar 40 jovens (20 no Rio, 20 em São Paulo) para a equipe inicial do jornal³².

César Seabra, Lédio Carmona e Sergio Rodrigues, os primeiros jornalistas contratados por Mattos para fazer o jornal, foram os responsáveis pela seleção. O trio montou uma corrida de obstáculos memorável. Primeiro, uma prova de conhecimentos gerais, semelhante a que *O Globo* realiza para candidatos a estágio, na qual o candidato precisava demonstrar que está atualizado em política, economia, cultura e questões de política internacional. Uma inovação do concurso, porém, foi a inclusão de algumas perguntas eliminatórias, sem que os candidatos soubessem, justamente para aferir o conhecimento futebolístico deles. Lembra Rodrigues:

Uma pergunta eliminatória era: “O Brasil perdeu da Itália em uma Copa do Mundo. Que Copa do Mundo foi essa?” Se o cara errasse estava fora. Mesmo levando em conta que a maioria daquelas pessoas ali era criancinha na época, esse é um trauma nacional, o cara tinha que saber. E a gente eliminou muita gente, o que talvez possa ter criado injustiças, porque o cara pode ter se confundido simplesmente... Mas levamos adiante o critério³³.

Não há estatísticas ou dados disponíveis sobre os candidatos que foram incapazes de responder corretamente que o Brasil perdeu da Itália na Copa do Mundo de 1982. Mas não é difícil imaginar que esta é uma questão com mais chances de confundir uma menina nascida na segunda metade da década de 70 do que um menino nascido no mesmo período. Trata-se, claramente, como nota Bourdieu, de uma situação em que se exigiu das mulheres um conjunto de atributos que os ocupantes masculinos atribuem usualmente ao cargo. Ou seja, normas não universais³⁴. É digno de nota, ainda, que

³² Segundo Lédio Carmona, no vídeo “O Walter e o Lance”, de 8 de julho de 1997, op. cit. houve 715 inscrições no Rio e 320 em São Paulo.

³³ Idem. Em tempo: o Brasil perdeu da Itália, por 3 a 2, em 5 de julho de 1982, na Copa do Mundo da Espanha, no estádio Sarriá, em Barcelona.

³⁴ Bourdieu, op. cit. pág. 78.



Rodrigues sempre se refira aos candidatos e candidatas a trabalhar no *Lance!* como “o cara”, no masculino.

Realizada a primeira seleção, a segunda etapa consistiu num exercício prático. Os candidatos assistiram juntos a uma partida de futebol pela televisão e, mal encerrada, tiveram que escrever uma crônica, em 30 minutos. A capacidade de escrever com velocidade é uma aptidão necessária ao jornalismo, e independe do sexo, mas relatar uma partida entre São Paulo e Cruzeiro, vencida pelos paulistas, por 5 a 0, com cinco gols do atacante Dodô, é algo naturalmente mais fácil para homens, que descrevem lances e jogos de futebol desde a infância, do que para mulheres.

No dia seguinte, os candidatos participaram de entrevistas individuais, conduzidas pelos organizadores do concurso. Rodrigues se recorda de um momento dramático em que um candidato foi eliminado por demonstrar características atribuídas às mulheres:

Já tinha sido feita uma seleção onde se tirou noventa e tantos por cento, mas entrevistamos bastante gente. Lembro de um rapaz que tinha feito uma prova muito boa e, na entrevista, começou a chorar. Ele estava muito nervoso. Coitado... Tremia, gaguejava, não conseguia nem falar. Talvez fosse, ou seja, um grande jornalista, mas ele dançou, porque aparentemente não tinha condições emocionais, não suportava a pressão mínima de entrevista³⁵.

Depois da entrevista houve um teste inédito, até então, em seleções de jornalistas: uma dinâmica de grupo conduzida por um consultor de uma empresa especializada, a Coopers & Lybrand³⁶. Foram várias atividades, em uma sala de um hotel, com o objetivo de avaliar a relação de cada indivíduo com o grupo. Uma das atividades, na lembrança de Paulo Fávero, então recém-formado em jornalismo, teria sido inspirada pelo Exército, outra área reservada masculina:

O responsável pelo teste passou um exercício que era uma lista com 82 características. Inteligente, burro, idiota, esperto, etc. E aí você marcava como você imagina que as pessoas te enxergam. Depois, você tinha que marcar, na mesma lista, como você se vê. Não precisava ser igual. O consultor me disse: “Isso é um software, pesquisado pelo Exército. Os soldados tinham a mesma alimentação, a mesma orientação, só que tinham desempenhos diferentes. Então, em função disso, eles bolaram esse programa, esse software”³⁷.

Ao final da série de testes, 40 jovens foram aprovados, dentre eles três mulheres – duas no Rio, uma em São Paulo³⁸. Entre os outros 22 jornalistas experientes já contratados, nas duas cidades, só havia uma mulher, uma jovem repórter com

³⁵ Entrevista ao autor, op. cit.

³⁶ Em 2006, esse procedimento de seleção já era padrão em outras empresas de comunicação, como a Editora Abril e a Rede Globo.

³⁷ Entrevista ao autor, 14 de julho de 2003.

³⁸ Flavia Ribeiro e Thalita Rebouças no Rio; Tânia Scaffa e Adura em São Paulo.



experiência na área de cidades e cultura, do *Jornal do Brasil*³⁹. Assim, essas quatro mulheres deram ao *Lance!* uma representação feminina da ordem de 6,45% do total da redação. Também havia algumas mulheres em outras funções, todas subalternas. Entre os 16 diagramadores e infografistas, constavam duas mulheres na equipe inicial⁴⁰. Entre os nove fotógrafos contratados, nenhuma mulher. No site do jornal na Internet, uma mulher⁴¹ entre cinco homens. Só o setor de pesquisa de imagens, formado inicialmente por duas pessoas, era uma exclusividade feminina⁴². Somando-se, portanto, todas as áreas ligadas diretamente à atividade jornalística, eram nove mulheres entre 95 profissionais, o que eleva a proporção feminina para quase 10% do total.

Tânia Scaffa e Adura tinha 22 anos quando se candidatou a uma vaga no *Lance!*. Filha e neta de médicos, afirma ter estudado jornalismo porque gostava de esportes⁴³. Ainda na faculdade, trabalhou numa publicação especializada, chamada *Esporte Especial*, e escreveu reportagens como colaboradora do *Jornal dos Sports*. Sempre sobre futebol. Essa competência masculina seria decisiva na prova de seleção. “O que me fez passar foi essa experiência. Tenho certeza”, diz. Uma competência a respeito da qual a jornalista tem muito orgulho, como se vê no depoimento a seguir:

Todo mundo da minha faculdade fez o concurso para entrar no *Lance!*. Só homem. E isso foi o mais legal. E eles olhavam na minha cara: “Imagina, você nunca vai passar”. E eu passei, eles não... Isso foi o mais legal.

Todos os 20 jovens selecionados em São Paulo tiveram a oportunidade de informar em que áreas do jornal gostariam de trabalhar, se em futebol ou em outros esportes. Nós acreditávamos que os jornalistas jovens renderiam melhor se pudessem trabalhar o mais próximo possível das suas áreas de interesse. Os que escolheram futebol, também informaram qual o time que preferiam acompanhar. Os que escolheram outros esportes detalharam as suas preferências, entre inúmeras opções (vôlei, basquete, natação, tênis, automobilismo etc). Não que todas as preferências tenham sido respeitadas, mas ajudaram bastante a orientar a escalação dos novatos nos primeiros dias do *Lance!*.

³⁹ Gisela Pereira.

⁴⁰ Cf. o expediente da edição número 1, de 26 de outubro de 1997, Izabel Barreto e Neuza Tasca.

⁴¹ Débora Thomé.

⁴² Conceição Carnevale (chefe) e Simone Carvalho.

⁴³ Entrevista ao autor, 5 de fevereiro de 2007. Todas as próximas referências a ela são extraídas desta entrevista.

Apesar de gostar de futebol, Tânia⁴⁴ escolheu a categoria “outros esportes”. Essa definição, espontânea, foi decisiva em sua carreira no jornal e teve uma série de implicações. A primeira razão que a jornalista evoca para explicar a decisão diz respeito a um comentário que ouviu na fase de treinamento e que a teria incomodado demais:

Lembro que uma pessoa, um repórter, virou para o Marcelo Laguna, o responsável pelos esportes amadores, e falou: “E aí, Laguna, quem vai fazer (*esporte*) amador? A Tânia e quem mais?” Fiquei meio assim. Eu sentia que já estava meio destinada a fazer outros esportes. É uma forma de preconceito: “Ela é mulher, ela vai fazer vôlei”.

A justificativa não parece convincente. Se a jornalista gostava de futebol e sentia-se capacitada para acompanhar a área, tendo até experiência no assunto, abriria mão desta oportunidade só por ouvir um comentário que revela preconceito? Pressionada pelo entrevistador, Tânia esboça nova resposta para questão: Por que não escolheu futebol?

Na minha época, muita mulher que fazia futebol não era muito séria. Não ia lá para entrevistar apenas... Eu via isso quando trabalhava no jornalzinho de futebol (*Esporte Especial*). Isso pode ter me reprimido um pouco também. Eu senti que não ia ser legal. Eu não sou maravilhosa, mas era uma loirinha novinha, 20 anos na época... Se a menina é séria, leva cantada e não quer aceitar a cantada, é complicado... Eu sofri bastante quando eu fazia futebol.

O depoimento indica toda a sorte de pressões que Tânia enfrentou ao fazer a sua escolha profissional, e como ela as internalizou. A jornalista afirma ter conhecimento de inúmeros casos de jornalistas que aceitaram o jogo proposto por atletas e “trocaram” informações por encontros íntimos. Como outras mulheres que mantêm relacionamentos amorosos com jogadores de futebol supostamente por interesse de obter vantagens, essas jornalistas são conhecidas no meio, depreciativamente, como “Maria chuteiras”. Bourdieu nota que o mercado de trabalho, marcado por uma divisão fortemente sexuada, é um cenário ideal para observar como os princípios da dominação masculina estão inscritos nas coisas e nos corpos femininos.

É, sem dúvida, no encontro com as “expectativas objetivas” que estão inscritas, sobretudo implicitamente, nas posições oferecidas às mulheres pela estrutura, ainda fortemente sexuada, da divisão de trabalho, que as disposições ditas “femininas”, inculcadas pela família e por toda a ordem social podem se realizar, ou mesmo se expandir, e se ver, no mesmo ato, recompensadas, contribuindo assim para reforçar a dicotomia sexual

⁴⁴ No jornalismo brasileiro, não há um padrão sobre como se referir a entrevistadas do sexo feminino. A *Folha de S.Paulo* recomenda usar, a partir da segunda menção, o sobrenome, salvo nos casos em que isso possa causar confusão. Ver *Manual da redação*, pág. 85. *O Globo* defende que as mulheres sejam chamadas, a partir da segunda menção, pelo primeiro nome. Ver *Manual de redação e estilo*, pág. 63. As regras que balizam a produção de textos acadêmicos determinam que a referência a autores se faça sempre pelo sobrenome. Mas não há regras estritas sobre como proceder em casos de entrevistados em pesquisas de campo. Optei pela forma como a entrevistada era conhecida no ambiente de trabalho que estou descrevendo.

fundamental, tanto nos cargos que parecem exigir submissão e a necessidade de segurança, quanto em seus ocupantes, identificados com posições nas quais, encantados ou alienados, eles simultaneamente se encontram e se perdem⁴⁵.

A sombra da “má fama”, constatou Tânia no seu dia-a-dia, está tão arraigada na cultura masculina que ela persegue mesmo as jornalistas “sérias”, que não aceitam propostas desse tipo. Uma repórter pode conviver com a suspeita de ser “Maria chuteira” em função da sua competência, observa Tânia:

Você fala com o jogador e ele dá uma declaração bombástica. Sai no jornal. Aí os coleguinhas dizem: “Ela deu pra ele”. Isso aconteceu com outras repórteres e me reprimiu. Todo mundo queria fazer futebol.

No segundo semestre de 2000, o *Lance!* resolveu levar para as suas páginas a questão do envolvimento amoroso de jogadores de futebol com jornalistas. Contratou para essa tarefa a jornalista Fernanda Factori, criadora de uma personagem chamada Mari Futy. Na definição de Fernanda, “Mari Futy é uma Maria Chuteira descolada que colabora na coluna”. Os textos de Fernanda e Mari Futy foram publicados por dois anos na revista *Lance!A+*, um encarte semanal do jornal. A coluna ocupava quatro páginas. Abaixo do título “a + indiscreta”, uma foto mostrava Fernanda em pose sensual, curvada, cabelos compridos loiros, uma blusa que deixava os seus ombros à mostra, segurando uma bola de futebol. Abaixo dela, um desenho ilustrava Mari Futy como loira, cabelos compridos, vestindo uma blusa justa cor de rosa, que realçava os seios e deixava parte da barriga à vista, minissaia e botas longas, na altura do joelho.

Fernanda (Mari Futy) escrevia sobre a suposta intimidade dos jogadores de futebol. Em uma nota, descrevia uma festa em que o jogador Romário compareceu:

Comportado, o Baixinho ficou quieto em um canto, sem querer chamar muito a atenção. Mas não faltou mulher querendo dar o telefone, e outras coisinhas para o craque⁴⁶.

Em outro texto, Débora de Oliveira, irmã do jogador Denílson, é entrevistada. A conversa gira em torno da vida amorosa do atleta. Em uma das respostas, Débora explicita a má fama das “Marias chuteiras”, vistas como aproveitadoras da fama e do dinheiro dos jogadores bem-sucedidos.

Seu irmão ainda namora a espanhola Vicky Berrocal?

Eles terminaram. Na verdade, o Denílson quer ficar com todas. (risos)

Quer dizer que ele realmente é muito mulherengo?

Demais da conta. Também, é um absurdo o tanto de mulher que fica aos pés dele. Claro que a maioria é Maria chuteira, mas têm umas meninas legais também⁴⁷.

⁴⁵ Bourdieu, op. cit. pág. 72.

⁴⁶ *Lance!A+*, número 94, 16 a 22 de junho de 2002.

⁴⁷ Idem.



Em uma outra nota, sem citar nomes, a colunista relata a história de um jogador de futebol que joga na seleção brasileira, cuja mulher tenta, sem sucesso, receber dinheiro do marido, mas obtém outros tipos de vantagem.

Um titular de Felipão não costuma liberar as verbas de sua recheada conta bancária para a mulher. A loirinha, em contrapartida, ganha em prestígio, já que, por causa dele, ela vive aparecendo em programa de televisão⁴⁸.

Na pele de “Mari Futy”, Fernanda Factori descreve um mundo em que os jogadores são tratados como celebridades e vivem cercados por mulheres bonitas. Os textos exaltam esse ambiente como um universo de glamour, festas e dinheiro, porém cercado por mulheres aproveitadoras e de má fama. Não espanta que causasse tanta preocupação a Tânia Scaffa e Adura a mera possibilidade de ser confundida com uma “Maria chuteira”. Mas recusar a cobertura de futebol não resolveu os seus problemas. Ao optar pelos esportes amadores, a jornalista não se livrou da “má fama”:

Muita gente achava que eu dava pro (*nadador*) Fernando Scherer. Até hoje acham. Falavam isso até para o meu namorado. O Scherer falava coisas pra mim que ele não falava para outras pessoas. Ele sempre foi meio chatinho e eu sempre soube lidar com ele. Eles não estão acostumados a ser entrevistados por mulheres. E gostam, se ela entende do assunto, de falar com mulheres.

Neste depoimento, Tânia acaba reforçando, involuntariamente, os estereótipos a respeito das mulheres no jornalismo, ao defender a existência de um jeito feminino de entrevistar, de lidar com o entrevistado, em oposição a um suposto jeito masculino. De fato, nenhuma entrevista é igual à outra. Uma mesma pessoa entrevistada cinco vezes seguidas dará cinco entrevistas diferentes. A experiência mostra que há uma série de aspectos subjetivos envolvidos na relação entrevistador-entrevistado, ligados a humor, empatia, aparência etc, difíceis de identificar e, muito menos, de definir. As teorizações a esse respeito, portanto, tendem a ser muito arbitrárias e essencialistas.

O ambiente de trabalho é um espaço privilegiado, como diz Goffman, para observar os elementos que estão ali justamente para enfatizar as diferenças entre os sexos. O banheiro, notou o sociólogo, é um desses elementos. Embora as necessidades de uso de ambos os sexos sejam muito similares, o ambiente feminino costuma ser mais refinado e espaçoso que o dos homens. Isso se dá em nome de uma suposta delicadeza feminina, de um respeito devido às mulheres, que não encontra justificção biológica⁴⁹. No caso do *Lance!*, em que havia uma desproporção numérica evidente entre o número

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Goffman, op. cit., págs. 73-81.



de homens e mulheres, o uso do banheiro feminino se tornou tema de brincadeiras, levando a única jornalista da equipe a enfatizar o seu lugar – feminino – no jornal:

Tinha dois banheiros. O (*repórter*) Mauricio Oliveira escreveu “meninos” na porta de um e no outro “Tânia”. Achei ótimo. Não sei quem, se alguns meninos ou o pessoal das rotativas, mas estavam usando o banheiro feminino. Tem homem que usa o banheiro e alaga ele inteiro. Reclamei. Mande um e-mail para todo mundo. Rolou um estresse. Houve gente que reclamou.

As relações de Tânia com os jovens jornalistas da equipe inicial do jornal, a quem ela se refere sempre como “os meninos”, são marcadas por episódios que sublinham os arranjos feitos entre eles em nome da convivência numa área reservada masculina. No esforço de ser “aceita” como uma igual, o que ela nunca foi, Tânia conta que passou a falar mais palavrões do que de hábito. “Tentava me igualar a eles”, diz. Ao mesmo tempo, recebeu, como se espera dos homens, muitas cantadas:

No começo, eu era objeto de admiração. Ninguém deu em cima de mim descaradamente. Tinha umas brincadeiras. Faziam, eu acho, para ver se eu caía. Por e-mail. “Você fica bem de preto”. “Nossa, hoje você está vestida para matar”. Não encarava como cantada. Nunca namorei ninguém do jornal. Tinha um relacionamento fora. Respondia brincando. “Tá bom, vou vir de preto uma vez por semana pra te agradecer”.

Com o tempo, falando palavrões como se fosse um homem e recusando as cantadas, a jornalista entendeu que passou a ser tratada como uma “irmã”:

A certa altura, eu poderia aparecer pelada que ninguém ia olhar. Faziam comentários sobre outras mulheres comigo e diziam que eu tinha ciúmes se eu as criticava.

O fato de ter virado “irmã” dos repórteres explica, talvez, o apelido que Tânia ganhou no *Lance!*: “Lourão”. É um apelido que faz referência a um atributo feminino (a cor do cabelo), mas esvaziado de sensualidade ou feminilidade pelo aumentativo e pela acepção masculina do termo.

Todo mundo me chamava de Lourão. Foi um guarda que deu esse apelido. O meu carro estava lá fora, ele não sabia meu nome e escreveu: “Chave do Lourão”. Nunca liguei. Em nenhum outro lugar me chamam assim.

Outro tema que sublinhou o arranjo feito por Tânia e os repórteres do jornal diz respeito ao vestuário. A jornalista hesitou, nos primeiros dias, a usar saia. Preferia trabalhar de calça comprida. Da mesma forma que introjetou o medo de ficar com fama de Maria Chuteira, Tânia temia o que poderiam falar, naquele ambiente predominantemente masculino, ao usar uma roupa que deixasse as suas pernas à mostra.

Demorei a ir de saia. Lembro do primeiro dia que fui. Com 22 anos você não usa saia no joelho, usa saia curta. Nossa! Foi um bochincho. Foi dessa vez que recebi o primeiro e-mail com a mensagem “você está vestida para matar”. Foram vários. Lembro de um assim: “Isso não é cantada, é só um elogio: você está maravilhosa hoje”. Acho que eles pensavam assim: “Vou tentar, se ela cair, caiu”.



O vestuário adequado para uso no ambiente de trabalho foi objeto de “legislação” dos jornalistas mais experientes. Em dezembro de 1997, era grande o calor no bairro do Limão, na zona norte de São Paulo, onde ficava a redação do *Lance!*. Em função disso, os jovens repórteres foram informados, por e-mail, que não estavam num ambiente de lazer e deveriam obedecer algumas regras a respeito do que usar e não usar no trabalho:

Amigos e amigas,

Reforçamos um pedido já feito pelo Leão, de que todos venham trabalhar da maneira mais sóbria possível, dentro da necessidade de contato social: se vai entrevistar alguém, deve ir de forma que reflita sobriedade.

Assim, em que pese o verão, lamentamos informar que repórteres e fotógrafos não estão autorizados a trabalhar de bermuda, camiseta sem manga e chinelos. Obrigado

André e Mauricio⁵⁰

Num sinal do impacto causado pelo uso de saias na redação, alguns minutos depois do envio deste e-mail, André Fontenelle postou uma segunda mensagem para esclarecer um aspecto não contemplado na mensagem inicial:

Senhoritas da redação!

Em resposta às insistentes indagações a respeito, acrescento à mensagem anterior que o uso de saias está autorizado na redação⁵¹.

Nesse jogo em que homens e mulheres cumpriram sem muitas surpresas os papéis a eles destinados no arranjo entre os sexos, não espanta que o editor-chefe do *Lance!* tenha escolhido justamente a única mulher, entre 30 jornalistas, para fazer a seção considerada a mais “feminina” do jornal. Sem que tivesse opção, Tânia foi designada a responsável pela seção “Quem Vai Querer?”, que apresentava, uma vez por semana, ofertas de produtos esportivos para consumo. A experiência, porém, não agradou à jornalista: “Adoro o Leão (*Serva*), mas acho que ele me escolheu por eu ser mulher”⁵².

A opção de *Serva* obedeceu à lógica, essencialmente social, como diz Bourdieu, do que entendemos por “vocação” feminina. Ainda que infeliz, Tânia cumpriu com o que se esperava dela – “tarefas subordinadas ou subalternas que lhes são atribuídas por suas virtudes de submissão, de gentileza, de docilidade, de devotamento e de abnegação”⁵³.

Ao longo desta pesquisa, não encontrei nenhum estudo mais aprofundado sobre a questão de gênero no mercado de trabalho jornalístico – muito menos, no jornalismo

⁵⁰ E-mail enviado para todos os funcionários da redação em São Paulo, em 28 de dezembro de 1997, cópia em poder do autor. O “assunto” do e-mail é “Bermudas”.

⁵¹ Idem. O “assunto” do e-mail é “saia”.

⁵² Entrevista ao autor, op. cit.

⁵³ Bourdieu, op. cit. págs. 72-73.



esportivo. Não tive a ambição, aqui, de avançar neste terreno, mas espero ter contribuído com alguns elementos a uma futura pesquisa sobre o tema. Ao evocar algumas situações ligadas à criação do *Lance!*, pretendi mostrar como o ambiente de trabalho no jornal foi um espaço privilegiado para assistir, nas palavras de Goffman, a transformação de corriqueiras situações sociais em cenas onde os dois sexos representaram típicos comportamentos de gênero, desde a atuação de Walter de Mattos à frente de seus comandados na fase de implantação do jornal até o medo da única jornalista da redação em São Paulo de ficar com fama de “Maria chuteira”, passando pelas brincadeiras colegiais e sexistas dos jovens jornalistas do diário.

Referências bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de, & ROCHA, Dora (org.). *Elas ocuparam as redações: depoimentos ao CPDOC*, Rio de Janeiro, FGV Editora, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo esportivo*, São Paulo, Contexto, 2003.

DUNNING, Eric. “O desporto como uma área masculina reservada”, in ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*, Lisboa, Difel, 1992.

FOLHA DE S.PAULO. *Manual de redação*, São Paulo, Publifolha, 2001.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol*, São Paulo, Nova Alexandria, 2002.

GOFFMAN, Erving. *L'arrangement des sexes*, Paris, La Dispute, 2002.

LIMA, Dora. Sete fitas de vídeo, realizadas pela produtora Made for TV, do Rio de Janeiro. Fita 1: “O Walter e o Lance!”, 8 de julho de 1977. Fita 3: “O Começo”, 1º de agosto de 1997. Fita 4: “O Treinamento”, 19 de agosto de 1997. Fita 5: “Na Obra”, Julho, agosto, setembro de 1997. Fita 6: “A Primeira Redação”, 15 de setembro de 1997. Fita 7: “O Teste da Rotativa”, 6 de outubro de 1997.

O GLOBO. *Manual de redação e estilo*, São Paulo, Editora Globo, 1992.

ROWE, David. *Sport, culture and the media*, Berkshire, Open University Press, 2004.

STYCER, Mauricio José. *Jornalismo Esportivo: 110 Anos Sob Pressão*. Trabalho apresentado no XXX Congresso Brasileiro da Intercom, Santos, 2007.